

MARIO LEVRERO

O romance luminoso

Tradução
Antônio Xerxenesky



Copyright © 2005 by herdeiros de Mario Levrero
Publicado mediante acordo com a agência literária CBQ SL (info@agencialiterariacbq.com)
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

La novela luminosa

Capa

Elaine Ramos

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Marise Leal

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Levrero, Mario, 1940-2004

O romance luminoso / Mario Levrero ; tradução
Antônio Xerxenesky. — 1^ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original: La novela luminosa.

ISBN 978-85-359-3078-8

1. Ficção uruguaia 1. Título.

18-12544

CDD-ur863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura uruguaia ur863

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Agradecimentos, 7

Prefácio histórico ao romance luminoso, 11

PRÓLOGO — DÍÁRIO DA BOLSA

Agosto de 2000, 21

Setembro de 2000, 97

Outubro de 2000, 177

Novembro de 2000, 252

Dezembro de 2000, 270

Janeiro de 2001, 321

Fevereiro de 2001, 386

Março de 2001, 423

Abril de 2001, 471

Maio de 2001, 481

Junho de 2001, 500

Agosto de 2001, 512

O ROMANCE LUMINOSO

Primeiro capítulo, 517

Segundo capítulo, 535

Terceiro capítulo, 554

Terceiro-quarto capítulo, 573

Quarto-quinto capítulo, 592

Primeira comunhão, 609

Epílogo do diário, 638

Agradecimentos

Às Potestades que me permitiram viver as experiências luminosas.

À John Simon Guggenheim Foundation.

A todos que aceitaram aparecer como personagens do “Diário da bolsa”, em especial a Chl.

Aos leitores-cobaias que me ajudaram na correção do “Diário”, sobretudo a Eduardo Abel Giménez, Carmen Simón, Mónica Suárez e Fernanda Trías.

Aqueles que me estimularam para que concorresse à bolsa Guggenheim, e, em particular, a Malaro Díaz, Hugo Verani, Julio Ortega, Fernando Burgos e Rómulo Cosse; e a Mariana Urti, secretária impecável para todos os trâmites com a Fundação.

M. L.

As pessoas ou instituições que se sentirem afetadas ou prejudicadas por opiniões expressas neste livro devem compreender que essas opiniões não passam de desvarios de uma mente senil.

M. L.

Prefácio histórico ao romance luminoso

Não tenho certeza de qual foi exatamente a origem, o impulso inicial que me levou a tentar o romance luminoso, embora o início do primeiro capítulo diga expressamente que esse impulso procede de uma imagem obsessiva, e a imagem é explícita o bastante para que o leitor possa acreditar nessa declaração inicial. Eu mesmo deveria acreditar nela sem nenhum tipo de hesitação, pois me lembro muito bem tanto da imagem como da sua condição de obsessiva, ou pelo menos de recorrente durante um lapso bastante prolongado a ponto de me sugerir a ideia de obsessão.

Minhas dúvidas se referem mais ao fato de que agora, ao evocar aquele momento, outra imagem aparece para mim, completamente diferente, como fonte do impulso; e, de acordo com essa imagem que me surge agora, o impulso inicial foi dado por uma conversa com um amigo. Eu tinha narrado a esse amigo uma experiência pessoal que para mim havia sido de grande transcendência, e explicava como era difícil fazer um relato dela. De

acordo com minha teoria, certas experiências extraordinárias não podem ser narradas sem que se desnaturalizem; é impossível levá-las ao papel. Meu amigo havia insistido para que eu a escrevesse tal como eu a contara nessa noite, e teria um belo relato; e que não apenas poderia escrevê-lo, como era meu dever fazer isso.

Na verdade, essas duas imagens não são contrapostas, e inclusive estão autorizadas por uma leitura atenta das primeiras linhas desse primeiro capítulo, leitura atenta que acabo de realizar agora, antes de começar este parágrafo. Parece que nesse começo estão as duas vertentes, mas não se misturam, porque eu ainda não sabia, ao começar a escrever, que estava escrevendo precisamente sobre aquela experiência transcendente. Lá, falo da imagem obsessiva, que se refere a uma disposição especial dos elementos necessários para a escrita, e mais adiante falo de um desejo paralelo, como algo diferente, de escrever sobre certas experiências que catalogo como “luminosas”. Só várias linhas depois é que me perguntarei se isso que eu tinha começado a escrever, cedendo ao primeiro impulso, não seria esse outro que desejava escrever. Mas não há nenhuma menção ao meu amigo, e isso me parece injusto — por mais que já não seja meu amigo e que, segundo me contaram, anda por aí falando horrores de mim. É muito provável que naquele momento tivesse me esquecido por completo da recomendação, autorização ou imposição do amigo e estivesse realmente convencido de que escrever essa história era o meu desejo.

Chama-me a atenção que agora, muito tempo depois, eu veja com tanta clareza a relação de causa e efeito: meu amigo me impulsionou a escrever uma história que eu sabia que era impossível escrever, e me impôs isso como um dever; essa imposição ficou ali, trabalhando nas sombras, rejeitada de modo taxativo pela consciência, e com o passar do tempo começou a emergir na forma dessa imagem obsessiva, enquanto apagava astutamen-

te suas pegadas, porque uma imposição gera resistências; para eliminar essas resistências, a imposição que veio de fora se disfarçou de um desejo que veio de dentro. Embora, é claro, o desejo fosse preexistente, já que por algum motivo eu tinha contado ao meu amigo aquilo que contei; talvez soubesse de uma maneira secreta e sutil que meu amigo procuraria a forma de me obrigar a fazer o que eu achava que era impossível. Eu achava que era impossível e continuo achando. Que fosse impossível não era um motivo forte o bastante para não realizá-lo, e isso eu sabia, mas me dava preguiça de tentar o impossível.

Talvez meu amigo tivesse razão, mas para mim as coisas nunca são simples. Agora me vejo, com a imaginação disfarçada de lembrança, escrevendo simplesmente a história que eu tinha contado ao meu amigo, tal como eu a havia contado, e comprovando o fracasso; vejo-me rasgando em pedacinhos as cinco ou seis folhas que investi no relato, e é bastante possível que se trate de uma lembrança autêntica porque tenho a ideia de alguma vez ter escrito essa história, por mais que agora não sobre nenhum rastro dela entre meus papéis. E deve ter surgido daí a imagem obsessiva, indicando a forma correta de me situar para poder escrevê-la com sucesso, e daí deve ter surgido esse desejo de escrevê-la, só que agora transformado num desejo de escrever sobre outras experiências transcendentais, como se as escalonasse, para poder chegar à história que eu queria ou deveria escrever, a que talvez eu tivesse escrito e destruído. Quero dizer que provavelmente havia, no fundo, uma compreensão de que o fracasso do meu relato devia-se à falta de um entorno, de um contexto que o realçasse, de um clima especial criado com grande quantidade de imagens e palavras para reforçar o efeito que a anedota deveria provocar no leitor.

Foi assim que compliquei minha vida, porque todo esse entorno e todas essas imagens e palavras foram me levando por caminhos inesperados, embora muito lógicos; esses processos estão maravilhosamente explicados em *As moradas do castelo interior*, de Santa Teresa, minha padroeira, mas é claro que explicar os processos não é suficiente para ninguém; não temos outra opção além de vivê-los, e ao vivê-los é que se aprende, mas também é como se cometem os erros e como se perde o rumo. Acho que, nesses capítulos que conservo do “romance luminoso”, o rumo se perde quase no começo, e os cinco extensos capítulos não passam de uma tentativa esforçada de retomar o rumo perdido. Tentativa esforçada, sim, e ainda louvável, sobretudo levando em conta as circunstâncias que a acompanharam e a rodearam e finalmente a mutilaram.

É que eu também tinha que ser mutilado, e fui. A maioria das ações que faziam parte das circunstâncias em que me pus a escrever o romance luminoso estava relacionada com minha então futura operação da vesícula. Quando aceitei que deveria inevitavelmente sofrer essa operação, primeiro discuti com o cirurgião para adiar a data o máximo possível, e consegui uma prorrogação de alguns meses. Nesses meses, completei quatro livros que vinham sendo longamente postergados, enquanto eu me lançava à furiosa escrita desses capítulos do romance luminoso. Era óbvio que tinha muito medo de morrer na operação, e sempre soube que escrever este romance luminoso significava a tentativa de exorcizar o medo da morte. Também tentei exorcizar o medo da dor, mas não consegui. O medo da morte, sim; não direi que fui tranquilo para a operação, pois continuava com muito medo da dor, mas a ideia da morte já não me fazia tremer, depois de ter escrito os cinco capítulos (que na verdade foram

sete). O temor diante da morte volta de quando em quando, sobretudo quando estou bem, mas fui para a operação da vesícula, nesse sentido, com a cabeça erguida. Ao mesmo tempo, a ideia da morte tinha me servido de incentivo para trabalhar e trabalhar contra o relógio, como um condenado. Conseguí botar minhas coisas em ordem, ou seja, minhas letras, enquanto paralelamente todos os outros assuntos iam ficando relegados. Foi nesse lapso que contraí uma dívida, para mim importante, e a dívida foi o que me levou a Buenos Aires a trabalho.

A mutilação definitiva não chegou, então, no dia da operação, mas a operação em si foi uma mutilação importante, já que fiquei sem vesícula biliar, e o pior é que por outro lado fiquei com uma convicção secreta de ter sofrido uma castração. Muito tempo depois, libertei-me dessa convicção secreta — e, ao mesmo tempo, o segredo deixou de ser segredo — durante um sonho. No sonho, a médica que tinha me levado ao cirurgião me devolvia a vesícula em perfeitas condições, dentro de um frasco. A vesícula, cuja forma real eu nunca soube, no sonho se parecia muito com um aparelho genital masculino. A serpente mordeu o próprio rabo.

No início, tinha resistido ao máximo a aceitar a operação. Os médicos eram categóricos, mas os médicos sempre são categóricos, sobretudo os cirurgiões, e se sabe que os cirurgiões cobram muito bem pelas suas operações. A respeito disso, li uma vez algo de Bernard Shaw com o qual concordo plenamente; ele assinalava o absurdo que era a decisão acerca da conveniência de uma operação estar a cargo justamente do cirurgião que cobrará uma boa grana para realizá-la. Mas o fato é que eu era atacado de forma cada vez mais frequente por infecções na vesícula que me deixavam com febre e me faziam temer complicações

perigosas. Enfim, a mensagem chegou até mim através de um livro. É notável como sempre que enfrento um problema difícil aparece magicamente a informação precisa no momento preciso. Eu revirava livros, como costumo fazer, atrás de romances policiais, numa mesa de ofertas de uma banca de livros na avenida Dieciocho de Julio. De repente minha vista recaiu sobre um título que parecia cintilar: *Não opere inutilmente*, chamava-se, se não assim, de algum jeito muito parecido. O livro não era barato e eu não tinha muito dinheiro. Voltei para casa pensando em comprá-lo. Comprar livros novos (este era novo, embora estivesse em liquidação) e, para piorar, que não pertenciam ao gênero policial fugia muito aos meus princípios e hábitos, para não falar de minhas possibilidades econômicas. Mas estava na minha casa e continuava pensando nesse livro. E, no dia seguinte, a mesma coisa. Por fim, me decidi e voltei à livraria, e voltei a ter o livro em mãos, mas me ocorreu que não precisava comprá-lo; olhei o índice e reparei que havia um capítulo dedicado à vesícula. O resto do livro não me interessava. O capítulo não era muito longo. Consigo ler com muita rapidez. Olhei de relance e vi que nenhum vendedor estava muito preocupado com o que eu fazia, e abri o livro como se por acaso, como quem estivesse decidindo se comprava ou não, e fui até a primeira página daquele capítulo, e nas primeiras linhas já estava tudo resolvido; começava dizendo que a operação de vesícula era uma das poucas necessárias na maioria das vezes. Depois dava conselhos para não operar se você não quisesse — diferentes maneiras de tentar um controle nervoso dos canais vesiculares para permitir que os cálculos chegassem e partissem como bem entendessem, sem ficar bloqueados no esfíncter do canal e coisas parecidas —, mas finalmente ressaltava que ter um problema de vesícula era como carregar uma bomba-relógio que podia explodir a qualquer momento e requeria uma operação de emergência que, sabe-se, não

é a maneira mais segura de se submeter a uma cirurgia. Fechei o livro, deixei-o no seu lugar na mesa de ofertas e fui para casa ruminando a aceitação, que já dava como fato.

Escrevia à mão esse romance luminoso, e, terminado um capítulo, passava-o à máquina, e ao passá-lo ia introduzindo pequenas mudanças e algumas correções. Um ou outro capítulo também foi escrito originalmente à máquina. Um capítulo foi rejeitado e destruído, mas, como o leitor que chegar até ali verá, logo me arrependi e o resumi no capítulo que o substitui; pelo visto, só tinha destruído a cópia, porque é claro que logo voltei a passar à máquina o original e o encaixei no seu lugar. Mas também mantive o resumo no capítulo seguinte, e nesses passos me compliquei com a numeração dos capítulos. Não sei bem em que etapa das inumeráveis correções os cinco capítulos sobreviventes ficaram com a forma que possuem agora (e os destruídos não deixaram rastros); lidei com esse romance truncado por dezenas de anos, e de quando em quando eu me empenhava numa nova revisão que acrescentava ou removia coisas.

Em 2000, recebi uma bolsa da Fundação Guggenheim para realizar uma correção definitiva desses cinco capítulos e escrever os capítulos necessários para completá-lo. A correção foi realizada, mas os novos capítulos não foram escritos, e os vaivéns desse ano durante o qual desfrutei da bolsa estão narrados no prólogo deste livro. Durante esse lapso, que foi de julho de 2000 a junho de 2001, só consegui dar forma a um relato chamado “Primeira comunhão”, que quis ser o sexto capítulo do romance luminoso, mas acabou não conseguindo: eu havia mudado meu estilo, e muitos pontos de vista tinham mudado, então o mantive como um relato independente. Este dá continuidade, de certo modo, ao romance luminoso, mas está longe de completá-lo. Também

o prólogo, “Diário da bolsa”, pode ser considerado uma continuação do romance luminoso, mas só do ponto de vista temático.

Pensei em juntar todos os materiais afins neste livro e incluir junto a eles meu “Diário de um canalha” e “O discurso vazio”, já que esses textos também são de certo modo uma continuação do romance luminoso. Mas o projeto me pareceu excessivo, e acabei optando por limitá-lo apenas aos textos inéditos. E continua, e talvez continue eternamente, faltando uma série de capítulos que não foram escritos, entre eles a narração daquela anedota que eu tinha contado ao meu amigo e que deu origem ao romance luminoso.

Eu tinha razão: a tarefa era e é impossível. Há coisas que não podem ser narradas. Todo este livro é o testemunho de um grande fracasso. O sistema de criar um entorno para cada acontecimento luminoso que eu queria narrar me levou por caminhos bastante escuros e tenebrosos. Vivi no processo inumeráveis catarses, recuperei grande quantidade de fragmentos meus que tinham sido enterrados no inconsciente, pude chorar um pouco do que eu deveria ter chorado muito tempo atrás, e foi sem dúvida, para mim, uma experiência notável. Ler o que escrevi continua sendo, para mim, comovente e terapêutico. Mas os fatos luminosos, ao serem narrados, deixam de ser luminosos, decepcionam, soam triviais. Não são acessíveis à literatura ou, pelo menos, à minha literatura.

Acho, com certeza, que a única luz que se encontrará nestas páginas será a que o leitor lhes emprestar.

M. L., 27 de agosto de 1999-27 de outubro de 2002

PRÓLOGO
DIÁRIO DA BOLSA

Agosto de 2000

SÁBADO, 5, 3H13

Aqui começo este “Diário da bolsa”. Há meses tento fazer algo nesse estilo, mas vinha me esquivando sistematicamente. O objetivo é pôr a escrita em andamento, não importa o assunto, e manter uma continuidade até criar o hábito. Tenho que associar o computador à escrita. O programa mais utilizado deverá ser o Word, o que significa desarticular uma série de hábitos ciberneticos nos quais estou submerso há cinco anos, mas não devo pensar em desarticular nada, e sim em articular isso. Todos os dias, todos os dias, mesmo que seja uma linha para dizer que hoje não tenho vontade de escrever, ou que não tenho tempo, ou dar qualquer desculpa. Mas todos os dias.

Com certeza não farei tal coisa. Isso é o que a experiência me diz. Não obstante, tenho esperança de que desta vez será diferente, porque tem a bolsa no meio. Recebi a primeira metade do total, com isso poderei me manter até o fim do ano num ócio razoável.